
CULTURAS AMAZÔNICAS: OLHARES DIVERSOS SOBRE DIFERENTES PAISAGENS

Klondy Lúcia de Oliveira Agra*

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal demonstrar a importância da construção do sentido pelo pesquisador para a compreensão de paisagens culturais diversas. Para alcançar o objetivo proposto, investigo como o ser humano amazônico é descrito aos olhos de pesquisadores e autores a fim de conhecer e compreender com quais sentidos é representada a (s) identidade (s) cultural (ais) da (s) comunidade (s) da Amazônia sob esses olhares múltiplos.

PALAVRAS-CHAVE: sentido; diversidade; cultura.

ABSTRACT: In this study, I have as main objective to demonstrate the importance of the construction of the sense by the researcher for the understanding of diverse cultural landscapes. In order to reach the proposed objective, I investigate how the Amazonian human being is described in the eyes of different researchers and authors in order to know and understand with which senses the cultural identity (s) of the community (s) of the Amazon has been seen under these multiple eyes.

Índice

Introdução	1
1 Os Primeiros Olhares sobre a Paisagem Amazônica	2
2 À Busca dos Sentidos na Pesquisa Geográfica	5
3 A Compreensão do Sentido do Olhar Geográfico	8
Considerações Finais	9
Referências	9

Introdução

COM grande número de povos, diferentes linguagens e costumes, a Amazônia constitui-se em enorme etnodiversidade, razão pela qual desperta o interesse de diferentes pesquisadores com objetivos diversos. Tal etnodiversidade além de ser constituída por imigrantes de várias regiões do Brasil e de outros países do mundo é constituída,

principalmente, por povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e negros remanescentes com seus conhecimentos e riquezas culturais (Claval, 2010, Kozel et. al. 2007/2009, Souza, 2011, Almeida Silva, 2010).

Por acreditar que é na cultura que se constitui os sentidos que conduzem aos diversos significados, fiz esse estudo com o objetivo principal de demonstrar a importância da construção do sentido pelo pesquisador da geografia para a compreensão de paisagens culturais diversas. Para alcançar ao objetivo proposto, investigo como o ser humano amazônico é descrito aos olhos de pesquisadores e autores a fim de conhecer e compreender com quais sentidos é representada a(s) identidade(s) cultural(ais) da(s) comunidade(s) da Amazônia sob esses olhares múltiplos. Para isso, faço, primeiramente, uma releitura dos estudos culturais iniciais que procuravam descrever essas comunidades e, a partir daí, observo como autores diversos descrevem a relação do ser humano

*Klondy Lúcia de Oliveira Agra é Doutora em Geografia – Faculdade Interamericana de Porto Velho - UNIRON – klondy2@gmail.com

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

amazônico com a água e a mata, suas analogias e significações culturais. Após essa exposição, faço uma incursão à Filosofia da Linguagem em Frege (1978) para através da compreensão de sentido desse filósofo, compreender também o sentido presente nas descrições geográficas, na contemplação das paisagens, na apropriação dos espaços e construção da noção de lugar.

Nessa incursão à Filosofia da Linguagem em Frege (1978), procuro evidenciar que a paisagem exprime concretamente a relação socioespacial produzida, reproduzida e transformada pelos agentes sociais, nas relações entre o agente social e o mundo. Destaco, também, que os sentidos, embora natos, recebem as influências culturais e, por isso, a percepção das paisagens que viabiliza a mediação, é formada por todos os modos de ações em que o indivíduo é situado no seio de uma cultura, no seu estar junto espacial, muito embora os sentidos nunca sejam exatamente os mesmos para cada indivíduo. Essa paisagem geográfica que comporta sentidos e significados é compreendida, neste estudo como um produto social, representado por agentes que lhe atribuem significados a partir de seus sentidos culturalmente construídos, formados em seus círculos de intersubjetividades e nas conformações identitárias desses grupos. Compreendo, a partir daí que, para a análise de paisagens diversas, o pesquisador deva procurar pelos sentidos das comunidades observadas, com exausta e plena integração com a língua e a cultura para a construção de sentidos, especialização desses sentidos e compreensão de suas significações.

Dessa forma, sob o quadro teórico de abordagem Cultural, defini o seguinte problema de pesquisa: Como os geógrafos pesquisadores constroem sentidos na comunidade objeto de pesquisa?

Para a compreensão desse problema de pesquisa, formulei as seguintes perguntas:

- O que é o sentido culturalmente construído?
- Como o sentido culturalmente construído interfere na valorização ou não dos elementos naturais que cercam a comunidade amazônica?

Para obter essas respostas, realizei uma imersão aos primeiros estudos culturais (Wagley, 1956; Galvão, 1972) sobre o amazônida, observando vários pesquisadores que se dedicaram a estudar as sociedades amazônicas originados e influenciados pela ecologia cultural stewardiana e o culturalismo boasiano de Charles Wagley. Entre eles, Emilio

Moran, Eugene Parker, Richarde Pace, com a observação de que esses trabalhos descreviam as sociedades, mas ainda não procuravam pela compreensão do homem (Fraxe, 2000, 2005; Murrieta, 2000), até chegar as primeiras citações do sentido na geografia (Dardel, 2011) e ao sentido procurado e exposto pelos geógrafos culturais (Claval, 2019, 2010, 2011). Daí, com auxílio da filosofia da linguagem de Frege (1978) comprovo a importância do sentido culturalmente construído, respondo as perguntas de pesquisa e exponho os resultados. Este estudo demonstra que pesquisadores e estudiosos da Amazônia só começam a reconhecer que as organizações sociais das comunidades amazônicas diferem uma da outra e que essa pluralidade de formas está ligada ao modo de vida e nunca a determinação ambiental ou natural, não sendo possível um estudo generalizado dessas comunidades (Silva, 1999; Kozel et. al., 2007; 2009; Almeida Silva, 2010) a partir do envolvimento cultural com essa comunidade, com a construção do sentido e sua especialização. Desse modo se comprova o necessário envolvimento do pesquisador com a comunidade a ser estudada, para que o mesmo construa e especialize sentidos no espaço de pesquisa para que só então, possa examinar, colher dados e dar resultados verdadeiros e não errôneos sobre as paisagens culturais analisadas.

1 Os Primeiros Olhares sobre a Paisagem Amazônica

A Amazônia brasileira começa a ser descrita pelos primeiros navegantes em fins do século XV, quando os espanhóis penetraram a região, seguindo o curso do Rio Amazonas (Pratt, 1992; Gondim, 2007). Depois vieram outros navegantes em busca de riquezas: portugueses, franceses, holandeses, ingleses e irlandeses. No entanto, o que eles encontraram, à primeira vista, foram etnias diversas, que não lhes despertava o interesse. Homens e mulheres descritos, em relatos e literaturas, como seres selvagens e fantásticos. Seres vistos como diferentes comparados ao homem europeu, uma postura etnocêntrica que representou os atores dessas comunidades como criaturas vazias, destituídas de qualquer crença ou ideologia. Seres vistos sem sentidos, sem cultura, sem pensar – *páginas em branco* – sem histórias, prontas a serem moldadas, rabiscadas e redesenhadas (Sousa, 2004; Souza, 1994; Todorov, 1978; Santos, 2007; Fraxe, 2000, 2005; Murrieta, 2000).

Ao observar as primeiras produções de escritos sobre a Amazônia, nota-se, uma descrição car-

regada de comparações do ser humano aqui encontrado com os europeus, retratando o imaginário dos antigos viajantes que representavam o fantástico visto a seus olhos: desde o jardim do Éden ao antimundo (Pratt, 1992; Gondim, 2007; Souza, 2001).

Nessas primeiras representações sobre o humano amazônico, as marcas do imaginário e do preconceito andam lado a lado (Pratt, 1992; Gondim, 2007; Souza, 2001). Tais representações têm o olhar descritivo e não apresentam o interesse sobre o homem/mulher amazônico (a), seus sentidos culturalmente construídos ou seus significados culturais. *Animais anfíbios*, que vão ser os preguiçosos e aparentemente bondosos de Bates. Os estúpidos indolentes povos do *mais baixo grau de civilização* de Martius, *ramo atrofiado, no tronco da humanidade*, cuja apatia e falta de curiosidade inibe-os de conectar a civilização, representam visões caricaturais porque não apresentam consistência teórica que embasou a digressão mais prudente de Buffon (Gondim, 1994, p. 135).

Esse olhar presente nas descrições do século XV, infelizmente, ainda se faz presente em vários relatos sobre a Amazônia. Um olhar legitimado por uma construção social permanentemente fortalecida pelo estigma da colonialidade. É como se aquilo que viveu Cristóvão Colombo e tantos outros nos séculos subsequentes estivesse permanente vindo à tona, onde o que prevalece é a autoridade e não a experiência (Santos, 2007).

Para grande parte da academia contemporânea, o marco fundador no estudo antropológico das sociedades ribeirinhas da Amazônia está nos trabalhos de Charles Wagley e Eduardo Galvão. Esses estudos culturalistas tiveram origem norte americana e descendem do particularismo histórico boasiano² e da origem cultural de Julian Steward³ (Harris, 1978; Neves, 1991; Furtado, 1993).

Vários pesquisadores se dedicaram a estudar as sociedades amazônicas originados e influenciados pela ecologia cultural stewardiana e o culturalismo boasiano de Charles Wagley⁴. Entre esses pesquisadores, podemos citar: Emilio Moran, Eugene Parker, Richard Pace. No entanto, esses trabalhos descreviam as sociedades, mas ainda não

² Franz Boas (1858- 1942) criticou com veemência os determinismos biológicos e geográficos, além da crença no evolucionismo cultural. Para Boas cada cultura é uma unidade integrada, fruto de um desenvolvimento histórico peculiar.

³ Julian Steward (1902-1972) enfatiza os problemas de desenvolvimento e subdesenvolvimento, inspirado em parte nos trabalhos sobre “engenharia social”.

procuravam pela compreensão do homem (Fraxe, 2000, 2005; Murrieta, 2000).

De uma maneira geral, para os antropólogos americanos desse primeiro período, os amazônidas se expressavam na vida isolada em unidades familiares, com uma pequena agricultura familiar combinada com a caça e a pesca (Furtado, 1993). Sendo notáveis nesses resultados que, mesmo com o envolvimento cultural de pesquisadores com a comunidade pesquisada, as percepções desses estudiosos sobre esses espaços continuavam compostos de representações compartilhadas em sua própria comunidade, estrangeiras à Amazônia.

Observa-se nessas primeiras descrições do humano amazônico que, apesar dos autores/pesquisadores julgarem-se aptos a descrever a cultura observada, ao analisar os modos de vida, seus relatos emitem juízo de valor. Pontos de vista formados através de sentidos construídos em suas próprias culturas de origem, sem interesse em compreender o ser humano observado. Pontos de vista, percepções e representações que, na compreensão dos costumes e modos de vida estranhos a sua cultura, sempre interferem.

Ademais, esses resultados de pesquisas diversas, produzidas nesse primeiro período, trazem o mesmo resultado de diários de viagem e literaturas diversas sobre a região: veem o homem amazônico como atrasado e subdesenvolvido, descritos como seres sem cultura ou inferiores, homens e mulheres sem valores, com conhecimentos, sentidos e significados estrangeiros a eles, são descritos como prontos a serem moldados, modificados pelo colonizador. Em alguns casos, observa-se o espanto diante da região, como se ressalta em Euclides da Cunha (1999, p. 02): [...] “o homem ali é ainda um intruso impertinente, chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão”.

Nesse olhar à paisagem amazônida, sem interesse ao estudo do homem e a sua cultura, esse autor relata e expõe ao mundo a sua própria realidade e não a realidade amazônica e declara que tudo ao seu redor é vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão

⁴ Wagley utilizou as teorias de Julian Steward (ecologia cultural stewardiana) e Franz Boas (particularismo histórico boasiano) em todas as suas pesquisas. Charles Wagley foi aluno doutoral de Franz Boas (Cleary, David. 1992. "Obituary: Charles Wagley," *Anthropology Today*, 8(3), 17-18).

lhes foge roído pelas correntezas ou tombando nas terras caídas das barreiras (Cunha, 1999, p. 10).

A visão errônea desse e de outros pesquisadores que observaram a Amazônia, desde os primeiros relatos até início do século XX, se deve exclusivamente ao não conhecimento dos sentidos e significados da cultura amazônica. Pertencentes a outras culturas, veem a cultura local e o dono da terra, mas não o compreendem. Leem o contexto e o cenário: o indígena, o caboclo e a mistura de raças que originou a comunidade pesquisada e sua cultura, mas ainda não os interpretam, não conseguem compreender porque, apesar de todo o envolvimento, não procuraram por sentidos e significados na cultura da paisagem observada.

Estava ausente nesses estudos a visão do geógrafo, visão direta, concreta, em que a Geografia envolve e penetra os sentidos de doçura e de luz. O espaço *puro* do geógrafo onde a floresta é experimentada, a Amazônia é sentida, onde o estudo do homem e seu mundo vivido é uma exigência inelutável (Dardel, 2011).

Nos anos 1960, houve aumento no número de trabalhos referentes às comunidades amazônicas. Tais estudos procuravam, em sua grande maioria, analisar os efeitos dos grandes projetos sobre essas comunidades (Moran, 1974). Coincidentemente com esse aumento do interesse pelas comunidades da Amazônia, as ciências mundiais urgiam por mudanças e rupturas rumo a novas leituras do mundo (Claval, 2010).

Na Geografia, surgiram também as primeiras inquietações e propostas de mudança. Segundo Soja (1993, p. 20) tais inquietações “mal se fizeram ouvir no alarido temporal vigente”, fazendo com que os debates mais profundos fossem adiados. Foram necessárias quase duas décadas para que o fenômeno pós-moderno ganhasse corpo e força com pensadores de dentro e fora da geografia com nomes como Foucault, Lefebvre, Berger e Mandel considerados por Soja (1993, p. 78), fundadores do pós-modernismo.

Numa tentativa de encontrar caminhos para a explicação das diferentes formas que se construíram concomitantemente ao pós-moderno, se coloca na Geografia a necessidade de um estudo que dê conta da explicação das inúmeras linguagens surgidas no contexto vigente. Um caminho que busca a explicação das linguagens do mundo pós-moderno, juntamente com a cultura daqueles que a utilizam. Há uma necessidade de sair do meio físico e procurar pelos sentidos que compartilham os homens, um significado à experiência de cada um. A Geografia começa a reconhecer a necessi-

dade de conhecer os homens e mulheres tal como são no mundo, com suas desigualdades, para só então, poder realizar uma narrativa do espaço (Berger, 1984).

A rápida evolução científica, juntamente com as críticas ao pensamento positivista, contribuiu significativamente para o avanço epistemológico das ciências, em especial a geografia. Os geógrafos percebem que “os homens, os grupos e os lugares são realidades variáveis” e que, portanto, merecem ser estudados com maior rigor e profundidade, respeitando sua natureza “material, histórica e geográfica” (Claval, 1999, p. 63).

Entram em cena os sentidos dados aos signos e aos significados desses signos surgidos meio aos novos parâmetros mundiais que emergiam fortificados pelo poder das mídias, modificando culturas e identidades; criando e recriando maneiras de ver o mundo. Os signos e seus significados se constituem na palavra-chave dessa nova teoria (Cosgrove & Jackson, 2003).

A imaginação dá significado ao mundo humano, permitindo que o homem a transforme e, através dos sentidos culturalmente construídos, crie significados para suas ações, através da linguagem. Entretanto, os argumentos e propostas da Geografia Humana não conseguiram se sustentar por muito tempo. Pautada demasiadamente no corpo humano e suas relações com o mundo exterior, esquece-se de verificar as coletividades e seu agir diferenciado. Por este e outros motivos, os rumos propostos por esta abordagem acabaram sendo aos poucos abandonados (Cosgrove, 1998).

No início dos anos 1990, há uma retomada desses estudos onde as linguagens se fazem presentes (Cosgrove, 1998). Essa retomada se faz com um enfoque que requer a contextualização dos signos que se apresentam ao estudo do geográfico. O mundo assistiu nos anos 1990, a um turbilhão de imagens carregadas de sentidos e significados inseridos nos parâmetros tecnológicos que se faziam presentes. Abrem-se então, novos horizontes, novas possibilidades para a geografia que encontra, por sua vez, na linguagem um arcabouço teórico-metodológico para estudá-la (Sahr, 2005).

A partir daí, o estudo do humano amazônico passa a interessar como o sujeito das mudanças, o construtor de sentidos e significados que passa através de sua inteiração social a modificar sua própria realidade, construindo e reconstruindo espaços. O estudo dessas comunidades passa, também, a levar em conta as diferenciações na organização social nessas diversas comunidades amazônicas e as fortes imbricações com o lugar e com

a paisagem às quais cada uma dessas populações está diretamente relacionada (ClavaL, 2010).

Desse modo, pesquisadores e estudiosos da Amazônia começam a reconhecer que as organizações sociais das comunidades amazônicas diferem uma da outra e que essa pluralidade de formas está ligada ao modo de vida e nunca a determinação ambiental ou natural, não sendo possível um estudo generalizado dessas comunidades (Silva, 1999; Kozel et. al., 2007; 2009; Almeida Silva, 2010).

Com esse reconhecimento, a pesquisa quer mais, ela volta-se à percepção desse ser humano amazônico. Através da percepção na geográfica, o pesquisador procura por conhecimentos e saberes, procurando, também, pelas representações simbólicas e sociais a fim de saber quem é esse ser amazônico, que vive, sonha e crê nos rios e na mata (Silva, 2007).

Estudos que trazem à tona os seus modos de vida ou experiências socioespaciais marcado pela lógica de relações estreitas com o meio. Assim, constitui-se como uma visão e interpretação do mundo, cujos valores de formas, representação simbólica e presentificação são distintos daqueles da sociedade envolvente, porque se fundamenta no contexto da sobrevivência material e espiritual na espacialidade e/ou territorialidade e encontra-se desvinculada da ideia de apropriação dos recursos com finalidade econômica (Almeida Silva, 2010, p.42).

Essa leitura possibilita compreender paisagens culturais construídas através das relações que essas populações mantêm com o meio em que vivem ao mesmo tempo em que constroem sua visão particular de mundo mediada pelas mais distintas representações, cujos atributos, sentidos culturalmente construídos e significados, são dotados de qualidades próprias que se distinguem em relação das demais coletividades humanas (Almeida Silva, 2010).

Os geógrafos passam a compreender o espaço amazônico como o lugar onde se desenvolve a existência, o lugar, o mundo vivido. Para sua compreensão, é necessária a compreensão do homem, do seu sentido, da sua cultura.

2 À Busca dos Sentidos na Pesquisa Geográfica

A Geografia, ciência responsável pelo estudo da sociedade e da natureza, analisa a ação da sociedade sobre o espaço. Uma ação que embora produza e reproduza formas que são visíveis ao obser-

vador, necessita ser investigada (Andrade, 1987, p. 14). O interesse dessa ciência pela relação entre espaço e cultura sempre estiveram voltados para a descrição da diversidade da superfície terrestre. No entanto, no final do século XIX as relações sociedade, cultura e natureza tornaram-se objeto central de atenção de geógrafos europeus como Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache, entre outros.

O termo cultural foi empregado desde seu primórdio tanto pelos geógrafos alemães como pelos norte-americanos para se referirem ao que era distinto à natureza. Ratzel utilizou o termo Geografia Cultural, como um fator importante na geografia humana, pela primeira vez em 1880, referindo-se a uma *culturgeographie* dos Estados Unidos. Nos anos seguintes, influenciado por Ritter, Humboldt e Darwin, Ratzel elaborou uma nova concepção da geografia a qual ele denomina de *Antropogeographie*, publicada em 1891. Nesse trabalho, Ratzel discute a forte relação existente entre o homem e o meio (Almeida, 2008, p. 38).

A partir daí, Ratzel edificou a base conceitual na qual se estruturou a Geografia Humana e passou a ser considerado como o grande apóstolo do ambientalismo, pois seus estudos culturais posteriores foram desprezados por muitos dos seus seguidores (Sauer, 2000, p. 20). Ao mesmo tempo em que a Geografia instalava-se como ciência acadêmica, Paul Vidal de La Blache inicia os estudos culturais na França que refletem sobre as relações entre os seres humanos e o meio.

Nos primeiros decênios do século XX, o conceito de paisagem humanizada tornou-se objeto de investigação geográfica. Nesta época, na Alemanha, adquire relevância o conceito de paisagem cultural elaborado por Otto Schultze (1872-1959). Tal discussão estendeu-se aos Estados Unidos e adquire expressividade a partir de 1925, ano em que Carl Sauer (1889-1975) definiu a paisagem geográfica como resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural (Correa, 1999, p.50).

O interesse da Geografia cultural até 1940 voltava-se às marcas que a cultura imprimia na paisagem ou à noção de gênero de vida. Ainda que sob diferentes formas, ambas as abordagens acentuavam a cultura material (artefatos, técnicas, utensílios, habitat e instrumentos de trabalho), não acompanhando a evolução dos estudos antropológicos que já davam destaque à cultura mental, aos aspectos psicológicos das sociedades (Claval, 1995, p. 13).

No artigo *A Geografia Cultural: o Estado da*

Arte (1999), Paul Claval argumenta sobre essa pouca atenção dada pelos geógrafos culturais aos aspectos subjetivos das relações entre espaço e cultura e aponta esse como um dos motivos que conduziu ao esmorecimento da Geografia Cultural no decurso dos anos que se seguiram.

No entanto, no final dos anos 70 a Geografia Cultural começa a se recuperar, denotando um nítido interesse pelo pensamento pós-moderno e passa a dar mais atenção às questões anímicas e ontológicas dos seres humanos. Ademais, seus estudos passam a não mais se interessar apenas pela diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, mas admite que a cultura esteja intimamente ligada ao sistema de representações, de sentidos, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente.

Esse ressurgimento da Geografia Cultural, num mundo cheio de questionamentos e em busca de respostas, se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo (Correa, 1999, p.51).

O foco da Geografia vai para além dos elementos constitutivos do espaço, enfatizando a visão que as pessoas têm do mesmo. “Um espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado” (Kozel, 2006, p. 141). Os sentimentos em relação ao espaço e sua percepção são vistos com mais significação, sentidos culturalmente construídos são levados em conta.

Admite-se assim, que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no lócus da construção da identidade espacial de um grupo (Correa, 2003, 13).

Os geógrafos encontram subsídios necessários à reflexão sobre a própria existência e, por conseguinte, sobre os fenômenos do mundo vivido. Com estudos voltados ao ser humano, a ciência geográfica procura um entendimento do mundo através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço

e lugar e tenta, especificamente, entender como atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana (Yu-Fu Tuan, 1983).

A partir da abordagem da Geografia Humana, o fator cultural reaparece como elemento imprescindível para uma nova compreensão da produção e reprodução das culturas através das práticas sociais que ocorrem ao nível espacial de maneira diferenciada (McDowell, 1996).

O sentido no olhar geográfico traz a noção de que os homens/mulheres experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto atores de transformação. Passa a reconhecer que a produção e reprodução do espaço são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e mantida através de códigos simbólicos que fazem a comunicação.

A comunicação Humana é produção simbólica, que antes de ter significações passa pelo sentido construído culturalmente. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também os valores, as crenças, percepções e representações. Uma série de produções simbólicas que constituem o mundo vivido de uma comunidade, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material, simbólica, produção e comunicação. Essa apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (*genres de vie*) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos (Cosgrove, 2007, p.103).

Sendo assim, a Geografia Cultural passa a analisar objetos do cotidiano, representações, estudos de sentidos que conduzem a significados, paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares (McDowell, 1996, p. 159). Seu foco inclui a investigação da cultura, seus sentidos significados, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

Desse modo, a Geografia dedica uma atenção nova à irredutibilidade do fato cultural. Um fato que não é mais visto como a superestrutura vaga e fluida. A cultura hoje tende a ser compreendida como uma vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma visão de mundo que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço (Bonnemaison, 2002, p. 86).

A partir desse novo olhar da ciência Geográfica, ela passa a falar sobre temas diversos, não só sobre altitudes, profundezas e densidades, mas sobre diversidades culturais e marcadores territori-

ais. Estudos que revelam a procura de sentidos culturalmente construídos, que compartilham os homens de uma mesma comunidade e que dão significado às suas experiências.

Entre esses estudos que se interessam pelo sentido nos estudos geográficos e ambientais, se reconhece toda a sua força em teorias de Dardel (1899-1967), Bachelard (1864-1962), Relph (1976), Tuan (1983), entre outros. No entanto, se reconhece também que, os sentidos estão presentes a partir do momento em que os geógrafos tentam colocar-se no lugar das pessoas que observam, numa tentativa de ver o mundo como essas pessoas o percebem, de apreciar os horizontes que se abrem a seus olhos, de descobrir os problemas que elas têm no íntimo, de compreender as perspectivas, as suas esperanças, os valores que a motivam (Claval, 2010).

A partir desse interesse pelo conhecimento do homem pela ciência que estabelece uma rede de essências, com suas próprias categorias, paisagem, espaço, território e lugar, o sentido que conduz ao significado passa a constituir a palavra-chave da geografia cultural, com a concepção de que para a compreensão da realidade social é necessário se ir além de sua organização, constituição e estrutura, introduzindo-se os sentidos e significados que dela fazem parte. Trata-se de interpretar a espacialidade criada e seus sentidos. Pois, toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação (Cosgrove, 2003, p. 103).

As culturas não representam somente um gênero de vida, uma maneira de viver e por isso despertam o interesse desses geógrafos. Uma cultura dá sentido e significado ao mundo: propõe uma visão do mundo, uma ordem de pensamento. Esta ordem de pensamento baseia-se em crenças, mitos, valores (Bonnemaison, 2001, p. 92).

O Geógrafo passa a se interessar pelo âmbito da visão cotidiana do homem e de sua movimentação diária habitual, com a consciência de que o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir da sua percepção e relação com o espaço. A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo. (Dardel, 2011, p. 43).

Por ser essa uma relação intersubjetiva, deve ser tratada pela geografia a partir do que interessa primordialmente ao homem: suas ligações existenciais, suas preocupações, seu bem estar e seus projetos para o futuro. Ou seja, o geógrafo passa a interessar-se pelas relações estabelecidas pelo ho-

mem/mulher com outros homens/mulheres e com todas as coisas que compõe seu mundo vivido.

Desse modo, a geografia deixa de ser um conhecimento referido a um determinado objeto, mas sim uma ciência que tem o papel de compreender o mundo geograficamente, do homem ligado a Terra por sua condição terrestre. Então, a realidade geográfica passa a ser para o homem, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. Uma realidade geográfica que exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecê-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar (Dardel, 2011, p.46).

Os estudos geográficos amazônicos passam a procurar pelos sentidos das diversidades, seja na música, na literatura, na dança, na religiosidade, enfim em todo o mundo vivido do amazônida. Entre esses estudiosos contemporâneos da Geografia interessados nos estudos dos sentidos e significados amazônicos encontra-se Paul Claval, Salet Kozel, Josué da Silva, Sylvio Fausto Gil Filho, Adnilson de Almeida Silva, entre outros importantes pesquisadores.

Esses estudos apresentam esse novo olhar geográfico sobre a Amazônia, com a compreensão de que a apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano. Descrevem o espaço e lugar como conceitos distintos. Veem o espaço amazônico como liberdade, sensação de amplitude, de infinito; o lugar como a segurança, o centro ao qual se atribui valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação (Tuan, 1983, p.4).

Em Claval e nos demais autores pesquisadores preocupados com os sentidos e significados amazônicos se reconhece que ao fazer esse tipo de Geografia, esses geógrafos dão conta de compreender a experiência humana. Ao se voltarem à maneira como o indivíduo toma consciência daquilo que é através do lugar onde vive, da cultura que o rodeia e das paisagens que lhe são familiares, esses geógrafos apresentam os sentidos desse homem/mulher, percepções e representações verdadeiras que desenham cada comunidade em particular ao seu leitor.

3 A Compreensão do Sentido do Olhar Geográfico

Graças à pluralidade e o dinamismo da Geografia Cultural os estudos geográficos se voltam ao sentido, ao significado, às percepções, perpassando cognições, visando às representações de paisagens, espaços e lugares valorizados individualmente ou intersubjetivamente. No entanto, com essa busca do sentido humano pela Geografia, uma inquietação é frequente na compreensão de culturas diversas: O que está sendo observado em particulares culturas, os sentidos ou os significados? Os significados culturais e os sentidos dizem respeito ao mesmo objeto? Quem pode *desvelar* as velas, fornecer itinerários e rumos corretos ao geógrafo na análise de paisagens culturais diferenciadas, o sentido ou o significado?

Com o ser humano tomado como seu centro de interesse, a Geografia sente necessidade de (re) conhecer o seu mundo circundante, seus valores, seus marcadores, seus sentidos concretos. À procura de resoluções a essas inquietações, estudos geográficos tomam para si os signos linguísticos de Ferdinand Saussure (1857-1913), a pragmática de Charles Sanders Peirce (1839-1914) ou reflexões teóricas filosóficas através dos estudos de Bourdieu (1930-2002), Eliade (1907-1986), Heidegger (1889-1976), Husserl (1859-1938), entre outros.

Neste estudo à compreensão desse sentido presente no olhar geográfico e de como esse sentido culturalmente construído conduz a diferentes percepções, visões de mundo e construções de pontos de vista, recorri a Frege⁵ (1978) e a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”⁶.

Gottlob Frege utiliza uma grande quantidade de argumentos para sustentar logicamente a afirmação de que o significado não é o objeto a que uma palavra se refere e que é necessário diferenciar, ainda, o objeto real e a palavra daquilo que é compartilhado socialmente como sendo o signi-

ficado desse sinal e daquilo que cada um entende particularmente como sendo sua significação.

Compreende-se desse modo que a conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal (Frege, 1978, p.63).

Porém, nem sempre ao sentido corresponde uma referência: “*entender-se um sentido nunca assegura sua referência*” (Frege, 1978, p.63). Tome-se, por exemplo, expressões como *a Boiúna*⁷, *algum assistente*, *qualquer passageiro do avião* etc.; apesar de podermos apreender o sentido de tais expressões, elas não nos garantem uma referência.

Para Frege, então, o sinal⁸ é o elemento que remete à significação. O sinal é mais do que a palavra, mas é inclusive a palavra. A referência é a substância – quando ela existe. *O sentido é a ideia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados simbólicos entre os membros de uma mesma cultura*. A representação é a concepção pessoal acerca do referente (Frege, 1978).

Para que o sinal possa atuar como elemento representativo deve estar associado a um sentido. Assim sendo, na minha compreensão do sentido em Frege (1978), esses cinco sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar) embora façam parte da consistência humana, são sempre influenciados pelo contexto e cenário, ou seja, são construídos culturalmente. O que conduz ao sentimento de agradar ou desagradar, ao compreender ou não compreender, ao gostar ou ao não gostar. Fatores que conduzem as pessoas a verem somente o que interessa ou ao ouvir o que atendem seus próprios interesses. A cultura influencia fortemente a percepção do indivíduo, sua maneira de ver e sua maneira de pensar.

O Homem/mulher vive a remoldar de sentidos e significações o mundo. Graças às situações e ten-

que envolvem a língua e o significado, particularmente onde problemas semânticos e epistemológicos sobrepõem-se, mas exigem diferenciação. Cf. In: Adams and Searle, 1985:624.

⁷ A Boiúna, ou cobra-grande, é um mito amazônico de origem ameríndia, descrito como uma enorme cobra escura capaz de virar as embarcações. Também pode imitar as formas das embarcações, atraindo naufragos para o fundo do rio (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001).

⁸ Utilizar-se-á a palavra sinal neste estudo e não signo, para diferenciar do signo linguístico descrito pelo linguista Ferdinand Saussure (1857-1913). Sinal é utilizado como sinônimo de signo ou símbolo.

⁵ Friedrich Ludwig Gottlob Frege, filósofo e matemático alemão, nasceu a 08 de novembro de 1848, em Wismar (Alemanha), e faleceu a 26 de julho de 1925, em *Bad Kleinen* (Alemanha). Estudou nas universidades de *Jena* e de *Göttingen*, obtendo o doutoramento em Matemática (Geometria), em 1873. Lecionou na Universidade de *Jena* de 1874 até 1917.

⁶ Este ensaio foi escrito com problemas da lógica em mente (isto é, a relação de “igualdade”) e é uma amostra dos primeiros exemplos de análise filosófica a apontar que o problema invade a língua natural e que não é um problema restrito à matemática ou à lógica formal. Deste ponto de vista, Frege, como C. S. Pierce, antecipam a preocupação de filósofos e críticos com os problemas

sões culturais a que está vinculado, esse ser cultural cria, renova, interfere, dá sentido à sua existência. Por isso mesmo, esse ser cultural vê, sente, compreende e divulga suas crenças e pensamentos com sentidos culturalmente construídos (Claval, 2010).

O sentido construído culturalmente é o responsável pelos símbolos linguísticos utilizados na comunicação de atores de uma mesma comunidade, isto porque, esse sentido é compartilhado pelos falantes de uma língua. Definido como uma ideia geral que os falantes de uma língua associam a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis, o sentido é o responsável pela possibilidade de comunicação entre usuários de uma língua. Assim, quando um locutor fala uma palavra qualquer ou utiliza-se de um gesto culturalmente definido, espera-se que seu interlocutor entenda o que se está falando (Frege, 1978).

Como neste estudo, tomamos as paisagens amazônicas para exemplificar esses sentidos e significâncias culturais, devo lembrar que as diferentes comunidades amazônicas variam no estilo de construção, em sua operação e manutenção, nas entidades que as preenchem e as decoram. Portanto, cada uma de suas comunidades variam em seus códigos culturais, ou seja, nos sistemas através dos quais os seus mundos são definidos, descritos e entendidos.

Portanto, a partir da unidade de sentido exposta em Frege (1978), compreende-se que nos estudos geográficos o que deve ser observado em particulares culturas são os sentidos, pois são eles que conduzem aos significados culturais. É a partir desse sentido construído culturalmente que o geógrafo pode *desvelar* as velas, obter itinerários e rumos corretos à análise de paisagens culturais diferenciadas.

Considerações Finais

Com a compreensão de que o sentido construído culturalmente é o que conduz à compreensão dos significados culturais, acredito que os geógrafos pesquisadores ao pensarem em se embrenhar em uma pesquisa com o intuito de obter dados sobre paisagens culturais, se faz necessário que construam sentidos nas comunidades objeto de pesquisa, com o estudo e o envolvimento necessário para que especialize⁹ esses sentidos. Pois,

⁹ Especializar os sentidos é compreender os gestos, sinais, palavras, conotações etc. com os mesmos significados da cultura observada.

se tratando da cultura do *outro* a necessidade de conhecê-la é fator primordial para a observação e a interpretação de suas paisagens culturais. De acordo com Bakhtin (1999, p.132), o processo ativo de compreensão se baseia no fato de que todo ser cultural interage com os objetos culturais e será essa compreensão que evitará que sentidos imperialistas, ou de diferentes culturas deem resultados equivocados à pesquisa.

Desse modo, compreende-se a partir desse estudo, que os geógrafos pesquisadores constroem sentidos na comunidade objeto de pesquisa não só através da linguagem ou do conhecimento da cultura e sim através do envolvimento cultural. Um envolvimento participativo que os permita conhecer os significados de palavras, gestos e a totalidade de sinais utilizados na comunicação e na construção de novos sentidos na comunidade pesquisada.

Só com sentidos culturalmente construídos e especializados, com a compreensão dos significados culturais, o geógrafo pesquisador poderá evitar interferências dos sentidos construídos em sua própria cultura, uma interferência que pode conduzir a desvalorização dos elementos culturais observados e de uma descrição errônea das paisagens.

Referências

- Almeida, R. D. (2008). *Cartografia Escolar*. São Paulo: Contexto.
- Almeida Silva, A de (2010). *Territorialidades e identidade do coletivo kawahib da terra indígena uru-eu-wau-wau em Rondônia: “orevakiare” (reencontro) dos “marcadores territoriais*. Tese DE Doutorado, Universidade Federal do Paraná – UFPR.
- Andrade, M. C. De (2006 [1987]). *Geografia: ciência da sociedade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Bakhtin, M. & Volochinov (1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bonnemaison, J. (2001). *La Géographie culturelle*. Paris: CTHS.
- Claval, P. (2011). *Epistemologia da geografia*. (trad. de M. de C. A. Pimenta e J. A. Pimenta). Florianópolis: Ed. Da UFSC.

- Claval, P. (2010). *Terra dos homens: a geografia*. (trad. D. Madureira). São Paulo: Contexto.
- Claval, P. (2009). Globalização, migrações, inclusão e exclusão: algumas reflexões. In M. G. Almeida & B. N. Cruz, *Território e Cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais* (pp.10-25). Goiânia: UFG.
- Claval, P. (2007). *Geografia Cultural*. (trad. de L. F. Pimenta). Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Claval, P. (2002). A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In F. Mendonça & S. Kozel (org.), *Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea* (pp. 11-43). Curitiba: Ed. da UFPR.
- Claval, P. (2001). *Épistemologie de la Géographie*. Paris: Édition Natan.
- Claval, P. A (1999). Geografia cultural: o estado de arte. In Z. Rosendahl & R. L. Corrêa (orgs.), *Manifestações da cultura no espaço* (pp. 59-97). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Cosgrove, D. & Jackson, P. (2003). Novos rumos da geografia cultural. In R. L. Corrêa & Z. Rosendahl, *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Cosgrove, D. (2007). Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In R. L. Corrêa & Z. Rosendahl (orgs.), *Introdução à Geografia Cultural* (pp. 103-134), 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Cosgrove, D. (1998). A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In R. L. Corrêa & Z. Rosendahl (orgs.), *Paisagem, tempo e cultura* (pp.92-122). Rio de Janeiro: Editora da UERJ.
- Cosgrove, D. (1998). *Social formation and Symbolic Landscape*. Wisconsin Univ. Press.
- Corrêa, R. L. (2003). Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In R. L. Corrêa, et al. (org). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Corrêa, R. L. (1999). Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In Z. Rosendahl & R. L. Corrêa (orgs.), *Manifestações da Cultura no Espaço* (pp. 49-58). Rio de Janeiro: EdUERJ, Série Geografia Cultural.
- Cunha, E. da (1999). *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dardel, E. (2011). *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Holzer, Werther). São Paulo: Perspectiva.
- Fraxe, T. J. P. (2000). *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. São Paulo Annablume; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará.
- Fraxe, T.J.P. (2005). *Therezinha de Jesus Pinto. Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*.
- Frege, G. (1978). *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix.
- Furtado, L. G. (2006). Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. In E. Sherer & J. A. de Oliveira, *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Galvão, E. (1951). Panema: uma crença do caboclo amazônico. *Revista do Museu Paulista*, (5), 221-225. São Paulo.
- Goldim, N. (1997). *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Editora Marco Zero.
- Harris, M. (2006). What it means to be caboclo: Some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object. Critique of Anthropology, 18:83 – 95, 1998. In E. Sherer & J. A. de Oliveira, *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Kozel, S. (2007). Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas. In S. Kozel, et al (orgs.), *Da percepção e cognição à representação* (pp. 114-13). São Paulo. Terceira Margem.
- Kozel, S.; Silva, J. da C. & Gil Filho, S. (orgs.) (2007). *Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. Terceira Margem: São Paulo.
- Kozel, S. (2001). *Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”*. Tese de Doutorado-Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.
- Kozel, S. & Nogueira. A. R. B. A. (1999). Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência

- vivida. *Revista do Dep. de Geografia de São Paulo*, (13), 239-257. FFLCH-USP.
- McDowell, L. (1996). A transformação da Geografia Cultural. In D. Gregory, *et al.* (orgs.), *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Murrieta, R. S. S. (2000). *The Dilemma of the "Chibé-eater: food choices, ecology and everyday life among peasant communities in the Lower Amazon, Brazil*. Department of Anthropology. Boulder. PhD. University of Colorado.
- Pratt, M. L. (1992). *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. New York: Routledge.
- Relph, E. (1975). As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 7(4), 1-25, abr.
- Sahr, W. G. J. D. (2005). Linguagem, imagem e o performativo: Um tour d'horizon na Nova Geografia Cultural. Palestra proferida no *1 Colóquio Nacional do NEER*. Curitiba. Disponível em: www.invencionweb.com.br/neer/mesas. Acesso em 02/11/2012.
- Santos, B. de S. (s.d.). Do pós-moderno ao pós colonial. E para além do outro. Disponível em: www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf. Acesso em: 28/07/2013.
- Sauer, C. O. (2000). A educação de um geógrafo. *GEOgraphia*, 2(4), 137-150.
- Sauer, C. O. (1998). A morfologia da paisagem. In R. L. Corrêa & Z. Rosendahl (orgs.), *Paisagem, tempo e cultura* (pp. 12-74). Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Sousa, L. F.; Kozel, S. & Silva, M. G. (2009). Estudo das Percepções, dos Signos e da Linguagem na Construção do Espaço e Representação dos Barqueiros do Rio Madeira. *Revista Geografar*, 108-111. UFPR.
- Sousa, L. F. (2012). *Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: Uma relação humanista com o rio*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná – UFPR.
- Sousa, I. de (2004). *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Souza, Á. J. (1991). *Geografia Linguística: Dominação e Liberdade*. São Paulo: Contexto.
- Todorov, T. (1998). *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes.
- Tuan, Y.-F. (1983). *Espaço & Lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.
- Wagley, C. (1976). *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics*. New York: OUP.